



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 7, número 3, set.-dez. 2018

“COISA DE MULHER”: REFLEXÕES SOBRE FORMAS MULTIMODAIS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER BRASILEIRA



“COISA DE MULHER”: REFLECTIONS ON MULTIMODAL FORMS IN THE CONSTRUCTION OF BRASILIAN WOMAN’S IDENTITY

Ruan Fellipe MUNHOZ
Debora Sayuri Niki CAIRES
Alba Krishna Topan FELDMAN

Universidade Estadual de Maringá, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 07/07/2018 • APROVADO EM 09/02/2019

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar discursivamente algumas das produções visuais produzidas pela artista multimídia Raquel Vitorelo e publicadas em sua página pessoal no *facebook*, em um álbum intitulado “Coisa de Mulher”. Pretende-se com a discussão (re)pensar as estruturas de poder na sociedade, para, então, indicar alguma transformação na realidade local dos sujeitos inseridos no contexto de sala de aula. Neste sentido, discorreremos a respeito de como

estas questões poderiam ser abordadas, ressaltando os estudos sobre multiletramentos e multimodalidades no processo de aprendizagem e construção de identidades. Para embasar nossa análise, partimos das teorias Kress (2006), Cope, B.; Kalantzis (2000), Giroux (2006), Rojo (2012), entre outros. Entendemos que esse tema é relevante por dialogar com as novas metodologias pedagógicas, em oposição a práticas tradicionais descontextualizadas do meio social, por meio da análise de imagens relevantes para a construção da identidade da mulher brasileira.

Abstract

This paper aims at analysing discursively some of the visual arts produced by the multimedia artist Raquel Vitorelo and published on her Facebook page, within an album by the title of "*Coisa de Mulher*". It aims at discussing and (re)thinking the power's structures in society, to indicate some changes in local reality of subjects in the context of the classroom. Therefore, we discuss how these questions could be approached in an assertive way, emphasizing the studies on multiliteracies and multimodalities in the process of learning and construction of identities. For this purpose, we start from the theories of Kress (2006), Cope, B.; Kalantzis (2000), Giroux (2006), Rojo (2012), among others. We understand that this topic is relevant for dialoguing with the new pedagogical methodologies, as opposed to traditional practices decontextualized from the social environment, through the analysis of relevant images to the construction of the Brazilian woman's identity.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Multiletramentos. Multimodalidades. Identidade. Mulher brasileira.

KEYWORDS: Multiliteracies. Multimodalities. Identity. Brazilian woman.

Texto integral

1. Introdução

É visível o crescente interesse nos estudos que tangem o processo de aprendizagem e construção de identidades sociais. As novas mídias colaboram com esse processo, pois surgem como uma fonte que auxiliam várias transformações estruturais ocorridas nos âmbitos social, econômico, comunicativo e epistemológico, entre outros. Neste sentido, além do texto escrito, contamos com aspectos visuais, digitais e sonoros para transmitir o que se pensa a respeito de um determinado tema. Da mesma forma, no âmbito escolar, leitura e escrita se mesclam com outras possibilidades como a auditiva, a visual e a espacial. Esta mudança se deve aos meios de comunicação em massa, com destaque às novas tecnologias e às redes sociais, possibilitada pela internet, que se torna progressivamente mais popular e acessível.

Trabalhamos neste artigo com os estudos sobre multiletramentos e multimodalidades no processo de aprendizagem e construção da identidade, ressaltando questões concernentes ao gênero e, mais especificamente, na identidade da mulher brasileira. Assim, em oposição a práticas tradicionais que buscam promover conhecimento e troca de informações em um ambiente descontextualizado e desconectado do meio social e cultural da sociedade, o sentido seria produzido de maneira cada vez mais ampla pelos textos multimodais, atingindo de forma mais substancial o público alvo.

Considera-se, portanto, que no contexto sociocultural do usuário há troca de informação e conhecimento pela internet de forma rápida e global, possibilitando vários modos de produção de sentidos: visual, auditivo, gestual, espacial. Segundo Cope e Kalantzis (2000, p. 5), essas habilidades são também “modos de produção de significado”. O texto multimodal refere-se à integração de todos esses modos, incluindo também o tradicional modo linguístico. Segundo Kress (1998), a interação, a partir de recursos multimodais, se dá na medida em que o usuário se envolve no processo educacional e há uma interação direta entre o leitor e o texto.

De acordo com esses pressupostos, objetivamos, no presente artigo, analisar algumas materialidades visuais produzidas e publicadas por Raquel Vitorelo em sua página no *facebook*, em um álbum intitulado “Coisa de Mulher”, para compreender como elas contribuem para a construção da identidade da mulher brasileira, funcionando também como uma maneira efetiva para desconstruir estereótipos do sistema patriarcal. A partir disso, desenvolvemos, sob uma perspectiva interdisciplinar, a análise das produções da artista multimídia, a fim de discutir estruturas de poder implicadas nas produções analisadas, para, então, promover reflexões de temas que podem ser problematizados em sala de aula.

2. Uma leitura do discurso patriarcal e dos seus efeitos na sociedade

Segundo Althusser (1974), o indivíduo é interpelado por ideologias e se constrói dentro da formação social em que está inserido. Nesse sentido, o sujeito, atravessado por diversas formações discursivas, está posicionado dentro de formações ideológicas e sem controle sobre aquilo que diz ou que pensa. Os indivíduos são interpelados por ideologias universais dominantes e ideologias regionais que podem mudar de acordo com os valores sociais e históricos, o que causa efeitos de sentidos distintos de acordo com as posições ideológicas as quais os sujeitos se identificam e o levam à sua formação discursiva.

Orlandi (2012) afirma que o discurso se constitui pelo contato do sujeito com outros discursos e em um determinado momento histórico, o que define aquilo que pode e o que não pode ser dito. A autora supracitada ressalta ainda que o sentido é determinado pelas posições colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. Sendo assim, os significados são construídos pela relação entre palavra-referente e alterados de acordo com as posições dos sujeitos que as empregam. É como se os sujeitos, para existirem como

seres na sociedade, tivessem de dispor de certa representação do mundo, para que todas as atividades, tais como religiosas, econômicas e políticas, fossem investidas e sustentadas por uma adesão, consciente ou não, a esse conjunto de representações ideológicas.

Tendo isso em vista, devemos pensar que comumente entramos em contato e analisamos a sociedade pelos temas presentes na literatura e nas demais produções culturais. Por meio das situações vividas pelas personagens conseguimos pressupor como a sociedade se desenvolveu em determinado momento da história, verificando as relações de gênero, bem como as formas de poder que moldam as ações de homens e mulheres. Porém, ocorre que o cânone artístico é formado fundamentalmente por homens, sendo eles os portadores da voz e do olhar sobre o mundo. Então, a ideologia patriarcal se apresenta como norma para a sociedade, dominando a totalidade humana e oprimindo todos os seres que se encontram em patamares inferiores de acordo com essa hierarquia. Essa opressão de gênero é o problema mais visível desse sistema de poder, porém podemos observar também uma série de violências decorrentes dessa questão, especialmente as raciais, sexuais e de classe.

Importante enfatizar que dentro das teorias feministas, de acordo com Beauvoir (1980, p. 198), “o patriarcalismo é definido como o controle e a repressão da mulher pela sociedade masculina e parece constituir a forma histórica mais importante da divisão e opressão social”. Ou seja, a adesão a esta ideologia patriarcal conduz à apresentação do homem estando no centro e no ponto mais alto da pirâmide social. Essa dominação promove a reeducação impositiva das mulheres, fazendo que se crie nelas, e nas pessoas em geral, o estereótipo da hierarquização de gênero. Nesse sentido, segundo Beauvoir,

Embora a opressão feminina se dê por vários meios, a crise de identidade no sujeito feminino acontece quando esta é hierarquizada ou até destruída por uma denigração cultural, ou seja, a opressão consciente ou inconsciente da personalidade por um modelo supostamente superior (o patriarcalismo) (BEAUVOIR, 1980, p. 194).

O resultado dessa opressão feminina, pela dominância da ideologia masculina na sociedade, faz com que a mulher seja restringida a executar papéis exclusivamente ligados à sua biologia e que continue a perpetuar, ainda hoje na sociedade, a ideia de que ela não pode exercer determinadas funções. O feminismo busca, a partir do movimento social, filosófico e político, alcançar a igualdade pelos direitos das mulheres, integrando-as na sociedade, nas universidades, no meio profissional e possibilitando a liberdade de escolha.

Durante toda trajetória de luta feminista, um dos seus principais objetivos foi justamente a análise dessa dominação masculina pelas construções culturais que propiciam a divisão social e de trabalho entre homens e mulheres. Neste artigo, interessa-nos, sobretudo, analisar a estratégia do patriarcalismo em subjugar as mulheres e observar como esse ato está presente na divisão sexual de

trabalho. Essa discussão pode ser sintetizada por um conceito importante dentro do estudo de gênero: a divisão social entre o público e privado que define o papel social dentro dos espaços. Essa formulação insere o homem no primeiro grupo, legitimando o papel político e do trabalho, enquanto às mulheres cabe essencialmente o espaço familiar.

Nesse contexto, percebemos que a mulher é vinculada ao espaço doméstico e detentora de obrigações relativas ao lar e à família, sendo que essas características são definidas como próprias para elas e designam o seu papel dentro da sociedade patriarcal. Por sua vez, o masculino é representado como um ser público, ativo e político. Essa oposição evidencia as relações desiguais entre os gêneros, expressadas na submissão da mulher frente à ideologia patriarcal e a dominação masculina na sociedade. Nessa perspectiva, Bonnici corrobora com a autora supracitada ao afirmar que

A separação das esferas cria a mitologização da mulher e de seu trabalho como parturiente e educadora dos filhos, legitima sua dependência econômica e limita suas atividades políticas. A mesma distinção é responsável por certas aberrações, como a falta de prestígio do trabalho feminino, seu baixo salário ou até ausência de salário, sua invisibilidade (BONNICI, 2007, p. 78).

A drástica divisão de trabalho pelo gênero relegou a mulher ao âmbito doméstico, ao desprestígio social e à invisibilidade. As mulheres, submetidas ao lar e aos filhos, não são valorizadas como sujeitos produtivos, mas como objetos voltados ao biológico e submetidos às necessidades do homem. Essa invisibilidade somada à desvalorização promove diversos tipos de desigualdade, segregação e discriminação. A transformação do *outro* feminino em um grupo fora dos padrões estabelecidos e reconhecidos como norma faz com que esse grupo seja objetificado.

De acordo com Bonnici (2007), o termo objetificação consiste na forma como um indivíduo ou um grupo de indivíduos tratam os outros como objetos. É uma prática que evidencia a ideologia patriarcal e colonial de tratar o *outro* como seres inferiores. Então, observamos que nesse sistema, as sociedades reprimidas não se relacionam com o *Outro* na base da reciprocidade, mas, sim, de acordo com uma estrutura desigual, hierarquizada, de maneira que os membros do patriarcado são aceitos como sujeitos, enquanto as mulheres são reduzidas a objetos.

O espaço doméstico como próprio das mulheres é, portanto, um lugar que garante ao ser humano a imobilidade. A casa, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (1986), é uma imagem do universo, um microcosmo comparado à cidade e ao templo. Ela é também um símbolo feminino ao passo que representa o refúgio, a figura materna, a proteção. O seu exterior é uma máscara que nos faz pensar sobre as diversas formas de compreender a realidade, visto que esse é um conceito subjetivo, podendo ser considerado real aquilo que um grupo social particular considera como tal. Esses grupos criam realidades com um objetivo específico, tentando, quase sempre, manter o poder, os valores e os interesses

pessoais. Diante dessas questões, a sociedade, de modo geral, pode criar estratégias que visem à desconstrução desses mecanismos de poder, por meio da observação e da reflexão.

Nesse sentido, selecionamos imagens do acervo da artista Raquel Vitorelo que foram publicadas por ela, em sua página pessoal do *Facebook*, no álbum intitulado “Coisa de Mulher”. Raquel Vitorelo, que se intitula como artista multimídia, é formada em Comunicação e multimeios pela PUC/SC e mestranda em comunicação e Semiótica pela mesma instituição, na qual pesquisa quadrinhos experimentais feitos exclusivamente por mulheres. Além disso, trabalha com ilustrações, projetos de design e audiovisual e com animação e, frequentemente, trata de temas como gênero e sexualidade. O álbum propriamente dito dispõe de trinta e seis imagens publicadas, que, de maneira geral, promovem a reflexão a respeito do papel da mulher na sociedade. Esse projeto apresenta exemplos de conquistas realizadas por mulheres de referência, que servem de inspiração, reflexão e conscientização, lançando diferentes olhares sobre os espaços público e privado, identidade da mulher, igualdade e diferença e as divisões de trabalho por gênero.

De maneira geral entende-se que existem coisas direcionadas exclusivamente aos homens e outras às mulheres. Em contraponto, Vitorelo afirma a partir das suas obras que tudo o que pode ser direcionado aos homens também deve ser destinado às mulheres. Por mais que a artista não expresse verbalmente essas ideias nas suas obras, podemos significar as lacunas, as faltas, o silêncio. Nesse sentido, Orlandi (2007) argumenta que o silêncio rege os processos de significação e tem formas específicas de significar, pois dizer e silenciar são constitutivamente inseparáveis, e para dizer é necessário não dizer, já que todo dizer cala algum sentido.

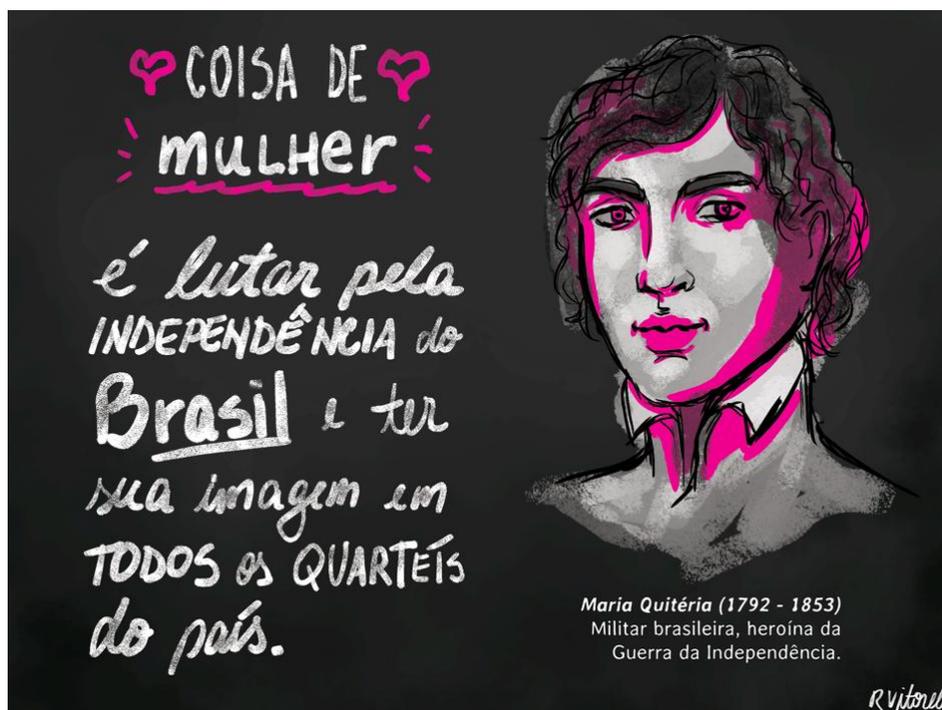
Como método argumentativo, Raquel Vitorelo mostra que a mulher luta durante séculos para se firmar e conquistar o direito pela igualdade e que isso não ocorre de forma passiva ou submissa. Todos os direitos foram adquiridos até hoje através da oposição à moral cristã e do enfrentamento a ideia de que a posição por excelência da mulher é dentro do espaço domiciliar, cuidando dos filhos e do marido provedor. Essa ideologia patriarcal está cristalizada nas mentes das pessoas em geral, visto que são recorrentes as representações do feminino ligadas ao cuidado, docilidade, piedade, fragilidade. Esse artifício auxilia fortemente na construção de um consenso a respeito do gênero feminino, idealizado a uma inclinação natural ao lar, ao matrimônio, a maternidade e a educação das crianças, espaço este definido como privado, enquanto o masculino, por suas características naturais, se ocupará do poder e da esfera pública.

Perrot (2005) observa que a mulher se populariza pela rebeldia. Ou seja, quando transpõe o papel social que foi a ela imposto e se aproxima do público, contrariando a imagem naturalizada de mulher condescendente/submissa. Assim, manifesta o desejo de romper com as mesquinhas práticas culturais destinadas a elas. Nesse sentido, a pesquisadora afirma que “As mulheres não são nem passivas, nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por mais reais que sejam, não bastam para contar a sua história” (PERROT, 2005, p. 152).

Com o objetivo de contar a história das mulheres de forma mais condizente com a realidade, propomo-nos a analisar as suas conquistas por meio de duas imagens específicas que apresentam figuras femininas em espaços públicos e que colaboram para desenhar a identidade e quebrar paradigmas vinculados às mulheres em geral. Essas conquistas ligadas aos direitos humanos e às políticas públicas contribuem para a desnaturalização de variadas formas de violência, tornando-se natural o direito ao respeito, à liberdade e à igualdade. Para tanto, analisamos as produções de Vitorelo levando em consideração tanto a linguagem verbal como a visual, entendendo que essas duas formas de expressão contribuem para criar uma maior proximidade entre leitor e o tema exposto.

Esses textos que integram diferentes linguagens têm estimulado estudiosos da área da educação e da linguagem no desenvolvimento e análise de práticas que se desenvolveram na sociedade e podem servir de meios na formação educacional. O texto multimodal se apresenta como uma dessas práticas e pode ser definido como uma produção, impressa ou digital, em que os sentidos são construídos pela combinação de mais de um modo semiótico. Neste artigo, trabalhamos especificamente com textos que englobam linguagem verbal e visual para comunicar informações importantes na formação humana.

Imagem 1 – “Coisa de mulher é lutar pela independência do Brasil e ter sua imagem em todos os quarteis do país”.



Fonte: Vitorelo (2014).

De acordo com registros históricos, já no ano de 1823, Maria Quitéria de Jesus Medeiros (1792 – 1853) rompia com os limites impostos ao seu gênero se tornando a primeira mulher brasileira em conflito armado, lutando pela

independência do país, sendo considerada heroína de Guerra. Maria Quitéria, contra a vontade de seu pai, cortou os cabelos (marca ainda hoje ligada à feminilidade), vestiu roupas masculinas e se alistou com o nome de Medeiros. Mesmo com a descoberta do pai, o comando do batalhão de Maria permitiu que ela permanecesse, pelos excelentes trabalhos apresentados. Lutou ainda em diversas batalhas e foi reconhecida por sua bravura, recebendo em 1996 o título de patrona do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro.

Há registros de outras mulheres que atuaram no serviço militar, destaca-se, por exemplo, o grupo de setenta e três enfermeiras que serviram como voluntárias durante a Segunda Guerra Mundial, no hospital militar norte-americano. Após a guerra, a maioria delas foi condecorada e recebeu a patente de oficial, sendo licenciada ao serviço militar ativo. No Brasil, as mulheres começaram a ocupar cargos na Marinha a partir de 1980, quando o ingresso foi regulamentado por lei. Em 2012, a Força Naval contava com quase sete mil mulheres militares. Já a Força Aérea Brasileira (FAB) criou o Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica (CFRA) em 1981, absorvendo, no ano seguinte, sua 1ª turma, composta por 150 mulheres de diversas formações: psicólogas, enfermeiras, analistas de sistemas, assistentes sociais, fonoaudiólogas, nutricionistas, biblioteconomistas, entre outras. Em 2012 o número de oficiais do segmento feminino saltou para 9.299. O Exército brasileiro foi a última força armada a incluir o gênero feminino em seu contingente, em 1992 foi aberta a primeira turma de formação, com 49 alunas, na Escola de Administração do Exército e em 2015 havia cerca de 7621 integrantes. Essa conquista e a sua representação artística é extremamente significativa, haja vista que o militarismo sempre foi visto como um campo masculino de atuação e que essa ideia precisa ser desconstruída de forma a expandir os horizontes femininos e expor a realidade aos homens que subjugam as mulheres.

Imagem 2 – “Coisa de mulher é futebol!”



Fonte: Vitorelo (2015).

A segunda imagem foi escolhida por retratar a conquista no âmbito do esporte, mais especificamente no futebol, modalidade marcada historicamente como eminentemente masculina, ainda vista atualmente como “coisa de homem”. A esse respeito, devemos compreender que as mulheres só puderam participar dos Jogos Olímpicos a partir dos anos 1900, antes dessa data eram proibidas pela sua “condição feminina”. Não há muitas fontes a respeito do tema, mas os autores que se propuseram a estudar sobre a mulher no futebol divergem quanto ao período em que o público feminino começou a praticar o esporte no mundo e no Brasil. Moura (2003) afirma que

Quando tomamos como base os dados da Fédération Internationale de Football Association (FIFA), a data que surge é de 1880, quando, na Inglaterra, Nettie Honeyball organizou uma partida. No entanto, surge, no livro de Bill Murray (2000), a afirmação de que em 1895, em Crouch End (Londres), Nettie (e não Nettie, como aparece nos arquivos da FIFA) Honeyball organizou um jogo entre mulheres do Norte e do Sul da Inglaterra, que atraiu oito mil espectadores. Outra data, que aparece como a primeira partida oficial, é 1898, quando ocorre o jogo entre as Seleções da Inglaterra e da Escócia. Segundo Murray (2000), a febre futebolística tomou conta do público feminino e, com isso, já

em 1902, houve a primeira retaliação da Federação Amadora Inglesa (FA), banindo tal futebol. Na França, os primeiros clubes femininos surgiram por volta de 1910 (MOURA, 2003, p.8).

O Brasil é definido como o “país do futebol” e reconhece esse esporte como fator constitutivo da identidade nacional. O futebol feminino, de acordo com Moura (2003), surgiu por volta de 1913 e, em 1940, alguns jornais reconheceram a existência de equipes femininas no território brasileiro. Reis e Arruda (2011) explicam que as primeiras mulheres a se aventurarem neste esporte não faziam parte da elite, mas de grupos pertencentes a classes mais baixas da sociedade. Um fato que marca a trajetória diz respeito a uma publicação realizada em 1940, por um jornal carioca, que veiculou o anúncio do “Primavera Futebol Club”, o qual convocava jovens entre 15 e 25 anos para compor o time feminino. O anúncio deixou alguns leitores do jornal chocados, e essa reprovação culminou em uma carta, escrita por José Fuzeira, endereçada ao então presidente Getúlio Vargas, solicitando a “atenção para a calamidade que estava para acontecer com a juventude feminina brasileira” (REIS; ARRUDA, 2011, p. 3).

Essa carta transitou pelo gabinete da presidência para a divisão de Educação Física do Ministério da Saúde, até chegar à subdivisão de Medicina Especializada, gerando uma espécie de laudo médico para proibir a prática do futebol pelas mulheres. Neste laudo, o médico exaltou em seu discurso a questão biológica: “é o futebol o esporte que lhe trará defeitos e vícios; alterações gerais para a própria fisiologia delicada da mulher, além de outras consequências de ordem traumática, podendo comprometer seriamente os órgãos da reprodução (ovário e útero) (FRANZINI, 2005, p. 6). Este ato resultou na proibição da prática por lei, por meio da Deliberação nº. 07/65, impedindo o exercício entre as mulheres do futebol, futebol de salão, futebol de praia, entre outros esportes. Apesar disso, a deliberação teria durado até o ano de 1979, sendo revogada pelo Conselho Nacional de Desportos (CND). Moura (2003) pontua que o CND regulamentou a prática, mas a normatizou com algumas regras, ou seja, não poderiam usar chuteiras de travas metálicas, o campo teria dimensões menores com relação aos dos homens, seriam divididas em duas categorias (juvenil e adulta) e estava proibida a troca de camisas após as partidas.

Tal regulamento apenas reforçou a ideologia patriarcal que inferioriza o sexo feminino, ao apontar diretrizes que moldariam o futebol à natureza do gênero, ou seja, o regulamento reitera a visão masculina de que as mulheres não teriam capacidade, ou condições físicas, de jogar como os homens. Sobre o ritual de trocas de camisas ao fim das partidas, havia o receio/temor de vulgarizar a imagem das mulheres, em virtude da exposição e da exploração da sensualidade, buscando manter os valores morais instituídos na sociedade. Vale ressaltar que o futebol feminino só foi considerado esporte em 11 de abril de 1983, por meio da deliberação 01/83 do CND.

Ao comparar as duas imagens, percebemos que ambas apresentam palavras ou detalhes em cor-de-rosa, rodeado de pequenos corações, como a introdução clássica de um caderno adolescente feminino ou algo que se prepare para

introduzir o discurso de uma mulher adaptada aos padrões exigidos de feminilidade. Em seguida, a imagem aparece com nuances rosadas, mas com a predominância de tons cinza e negros. E a frase que vai contra o discurso ideológico é colocada na cor branca, contra o fundo negro ou cinza predominante. As imagens são estilizadas, trabalhadas, trazendo o perfil da mulher citada e, abaixo dela, há o nome que tipifica o que seria “a coisa de mulher” demonstrada na ilustração. Além disso, o texto de Maria Quitéria traz uma pequena explicação e o enunciado toma aproximadamente metade do espaço, de forma equilibrada com a fotografia da homenageada. Isso acontece pelo fato de que Marta, a jogadora de futebol, não precisa especificamente de uma apresentação, visto que é uma personagem atual e de grande exposição midiática.

Com isso, percebe-se que a trajetória das mulheres para a conquista do direito e reconhecimento profissional foi longa e marcada por lutas, mesmo assim ainda há discursos que trazem a vida militar e esportiva como sendo espaços masculinos. Isso se torna visível, pois o sujeito é interpelado por ideologias patriarcais que estão presentes de forma naturalizada e cristalizada no pensamento da sociedade há muito tempo. Nessa realidade, a mulher é silenciada pelas instituições religiosas, pelo sistema político e pelos manuais de comportamento impostos pela sociedade, e obrigada a aceitar, obedecer, calar-se, conformar-se, sujeitar-se, submeter-se. Segundo Castells,

[...] para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura. Os relacionamentos interpessoais e, conseqüentemente, a personalidade também são marcados pela dominação e violência que têm sua origem na cultura e instituições do patriarcalismo (CASTELLS, 2001, p. 169).

Nesse sentido, a memória faz parte da produção do discurso, pois ela faz valer os acontecimentos, podendo definir o que está por detrás do discurso. Ou, como explica Orlandi (2012, p. 31), “é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito, que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Compreendendo esse potencial da memória, devemos pensar em quão expressiva é a atitude de vir a público denunciar os maus tratos sofridos e dar voz para toda uma classe silenciada pelo poder hegemônico. É também por esse motivo que escolhemos trabalhar aqui com duas importantes mulheres que marcaram seus nomes na história e que servem de exemplo para as demais. Ao (re)conhecer suas figuras, podemos desconstruir imagens tradicionais que temos da mulher na sociedade e desvincular a imagem feminina ligada aos ambientes privados.

Retornando às imagens aqui analisadas, consideramos importante destacar que durante séculos as mensagens foram transmitidas fundamentalmente pelo formato escrito, utilizando-se, assim, o modo verbal. Nas últimas décadas, com o avanço da tecnologia computacional, houve a necessidade de adequar o discurso

ao meio em que ele é produzido. Entendendo esse fator social da linguagem, compreendemos que o momento histórico produziu uma revolução no cenário comunicativo, expondo a necessidade de disponibilizar modos de apresentação visual de materiais. Por meio das produções multimodais de Raquel Vitorelo entramos em contato com a história feminista de luta contra os poderes instituídos como hegemônicos na sociedade.

A mensagem pretendida se aproxima do interlocutor com maior facilidade por meio das imagens, pois elas chamam a atenção do leitor imediatamente. Além disso, elas são facilmente lembradas e as suas correspondências são mais facilmente identificadas. Kress e van Leeuwen (1996, 2006) sustentam que tanto o componente visual quanto o verbal se apresentam como estruturas independentes em um texto. Em outras palavras, podemos inferir que os modos semióticos da linguagem e da imagem têm funções específicas em uma obra e ambas participam, de modo isolado e em conjunto, da produção de sentido pelo leitor. Nessa perspectiva, Kress (2007) aponta para uma preferência e uma valorização do aspecto visual dos textos, indicando que a imagem tem ganhado progressivamente maior espaço dentro da área da comunicação pública.

Kress e van Leeuwen (1996, 2006) consideram ainda que todas as formas existentes de comunicação são multimodais, justamente porque o objetivo em toda prática comunicacional é a transmissão de uma mensagem e, para isso, as pessoas utilizam diversos modos semióticos que coexistem e se integram com o intuito de obter êxito no processo. Diante disso, percebemos que, mesmo em textos com a predominância da linguagem verbal, os recursos visuais como a formatação e a tipografia surgem como elementos para aproximar o leitor do produto apresentado, apontando para a não existência de textos monomodais ou monosemióticos.

Por fim, ao analisar as produções de Vitorelo, levamos em consideração as diferentes linguagens, compreendendo que, mesmo com as conquistas de direitos, a imagem de mulher ideal, associada ao casamento e ao cuidado com os filhos e marido, ainda é recorrente. A utilização dessa imagem, como uma memória construída com o tempo, acaba por tornar as relações desiguais no mundo do trabalho, que nada mais são do que construções sociais. Dessa maneira, a trajetória feminina ainda é perpetrada por caminhos espinhosos, com avanços gradativos, que não dependem apenas da sua vontade e esforço.

3. A escola e a diversidade: uma proposta de trabalho por meio do multiletramento e da multimodalidade

Com o decorrer dos anos o texto e a escrita foram sofrendo alterações em suas formas de produzir sentido. O texto, antes composto por elementos como as palavras, as orações, a cor preta ou azul, as linhas, o fundo branco e algumas imagens em preto e branco, ganharam outras orientações. Essas transformações demandaram novas configurações na sociedade contemporânea. O avanço tecnológico possibilitou a criação de diferentes meios de comunicação, ampliando

a expectativa do público em conhecer sobre tudo um pouco e em velocidade recorde. Dessa forma, destacamos não a mídia tradicional, mas, sim, os meios de difusão de informação via internet, considerando as redes sociais como um dos principais (senão o principal) veículos para propagação de ideias e informações, bem como detentora de poder para moldar o pensamento e a sensibilidade dos sujeitos.

Silveira (2009) explica que a sociedade em rede se diferencia das formações sociais tradicionais, pois a internet permite aos indivíduos estarem em permanente contato, por meio de comunicações eficazes e rápidas. Sobre a mídia tradicional, a autora entende como todo veículo midiático que circule fora do ambiente das novas tecnologias, entre eles: a televisão, o rádio, o jornal impresso e demais mídias convencionais.

O desenvolvimento tecnológico possibilitou ainda o surgimento de textos com elementos de composição variados, ou seja, além da escrita tem-se o som, a imagem, as cores. Segundo Kress (1998), as tecnologias contemporâneas de produção do texto tornam fácil a combinação de diferentes linguagens. No passado era necessário ter somente conhecimento da gramática da linguagem escrita e o gênero ao qual o texto pertencia, porém, atualmente, se faz necessário outras competências para compreender verdadeiramente o sentido de uma produção textual. Desse modo, em meio a um texto constituído por linguagens variadas, escrever é, na sociedade midiática, um desafio muito maior do que produzir textos verbais. Escrever e compreender um texto, nessa sociedade, é lançar mão de estratégias multimodais. Segundo Rojo (2012) a multimodalidade é a interação entre linguagens diferentes em um mesmo texto. Dessa forma, para entender os textos multimodais parece ser necessário que as pessoas tenham competências que ultrapassem a habilidade de ler e escrever, sendo necessário que desenvolvam habilidade de ler imagens. Dito isso, compreendemos que é relevante que os alunos desenvolvam o letramento visual, no que tange à “multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos” (ROJO, 2012, p. 13).

Em um ambiente interconectado, interagimos com inúmeras possibilidades textuais. Como exemplo, podemos citar o uso das redes sociais, que possibilita que o indivíduo se comunique e interaja com outras pessoas, por meio das postagens de vídeos e imagens, possibilitando outras formas de significar uma cena, ao invés de descrevê-la verbalmente. Transpondo essa questão para a realidade escolar, entendemos que o ensino associado à exploração do visual possibilita a ampliação de estratégias pedagógicas. Na concepção de Almeida (2009), essa estratégia contribui para que os alunos aprimorem sua capacidade crítica da realidade. Assim, as imagens, a exemplo das que foram trazidas neste artigo, não funcionam apenas como um entretenimento, mas como aprendizado acerca das questões políticas e sociais. De acordo com Almeida,

Assim como o código semiótico da linguagem, o código das imagens também representa o mundo (de maneira concreta ou abstrata), constrói relações sociointeracionais e constitui relações

de significados a partir do papel desempenhado por seus elementos internos (ALMEIDA, 2009, p. 178).

Nessa perspectiva, podemos destacar que o uso das produções de Raquel Vitorelo em sala de aula auxilia na aproximação dos aprendizes com os temas expostos e discutidos por ela, entendendo que a exposição e leitura das imagens gera no leitor/espectador a necessidade do olhar crítico para o que é observado, produzindo sentimentos e sensações como, por exemplo, compaixão, aproximação, espanto, admiração, entre outros recursos no conjunto do texto. Somado a isso, Castells (2001, p. 255) indica que na atualidade a rede de internet possibilita uma sociedade unificada, marcada pela facilidade de acesso à informação, pela distribuição, pelo compartilhar e pelo alto contato social. O autor aponta que essa nova geração de pessoas ligadas aos recursos tecnológicos se tornou centrada na aplicabilidade das informações, que fomentam alterações constantes nas relações humanas, nos valores e no poder, o que vai potencializar as instituições a formarem um novo paradigma sócio-tecnológico.

A escola, como instituição formadora de cidadãos, necessita atender as necessidades do seu público e, para isso, precisa se desvincular dos poderes instituídos e representar toda a heterogeneidade que constitui a sociedade. Uma maneira que consideramos eficiente de apresentar essas questões é justamente pelo uso de textos multimodais, utilizando diferentes meios para transmitir um amplo conjunto de sentidos, necessários para o bem viver em comunidade e para a formação humanística dos aprendizes. Nesse sentido, as produções da artista aqui analisadas colaboram nesse intento de se abordar questões sociais que atingem diretamente os sujeitos inseridos no ambiente escolar.

É necessário entender que o uso de textos multimodais não significa substituir tecnologia antiga por tecnologia atual. Importante ponderar também que não adianta as escolas utilizarem tecnologias atuais, mas continuarem com a mesma metodologia tradicionalista, sem considerar que o indivíduo chega à sala de aula carregando conteúdos, imersos em diversas realidades. Os educadores esperam, por sua vez, que possam acentuar valores, contribuir com uma educação crítica a partir de textos e discursos canônicos, silenciando outras formas válidas de saberes que não são legitimados pelos currículos tradicionais.

Ressalta-se ainda que o uso isolado do tradicional quadro, giz e livros didáticos são instrumentos que não mais compactuam com a liberdade do aluno de se expressar, de construir conhecimento, mas sim, instrumentos para enclausurar e legitimar apenas o conteúdo formal deliberado por aqueles que detêm o poder sobre a educação, impossibilitando o acesso aos novos saberes. A respeito da pedagogia pública, Henry Giroux, (2005, p. 230) se refere a diferentes formas de se produzir sentidos, considerando a TV, o rádio, os jornais, a internet, as imagens. O autor explica da seguinte forma:

A pedagogia pública não apenas define os objetos culturais de interpretação, ela também oferece a possibilidade de engajamento em modos de letramento que não são somente uma questão de

Neste sentido, os educadores devem a todo instante refletir e se questionar a respeito do que é relevante ser tratado em sala de aula, considerando o que o processo de educar pessoas realmente vem a significar. Kress (2007, p. 43) assevera que “a ordem do texto escrito é fixa; a ordem do texto imagético é (relativamente) aberta”. Interpretando esta afirmação, pode-se dizer que as novas tecnologias, utilizadas com os mesmos objetivos do passado, não fará diferença relevante no processo ensino-aprendizagem dos alunos, pois o perfil da sociedade está em constante mudança.

Kress (2005, p. 18) ainda sugere que o professor seja o “ator social chave” nas aulas, tendo em vista que ele é a imagem de poder dentro do seu espaço de trabalho. Na mesma linha de pensamento, Giroux (2006, p. 205) complementa que os educadores precisam prover as condições necessárias para seus alunos desenvolverem a capacidade de ver “as mídias populares e a cultura de massa como objetos sérios de análise social e de aprender como as ler criticamente através de estratégias específicas de compreensão, comprometimento e transformação”.

Para isso, precisamos ressaltar que as práticas de letramento são constitutivas da identidade e precisam, na medida do possível, respeitar a especificidades de cada indivíduo que se encontra em sala de aula, visto que em uma mesma comunidade convivem diversos matizes identitários que não se relacionam de forma fixa e determinada, mas constantemente realocadas e adaptadas. As identidades sociais estão sempre em processo de construção, pois dependem do contato e da realização discursiva, já que os significados que damos a nós mesmos e aos outros são criados e transmitidos pelo discurso.

Dessa forma, a questão da definição de identidades passa por um processo de reconhecimento pessoal, mas também por um estabelecimento de poder. As ciências sociais têm tentado instaurar identidades particulares, porém isso funciona, de certa maneira, como uma forma de controle dos indivíduos, já que isso cria um regime de verdade, simplificando a questão e apagando a multiplicidade de identidades sociais. Em síntese, devemos pensar que um sujeito tem a diversidade em si, fazendo parte de diversos grupos identitários, dependendo da sua classe social, sexo, gênero, orientação sexual, raça, idade, entre outros fatores que constituem esse mosaico humano.

A identidade é, então, o que escolhemos dizer que somos de acordo com fatores internos com uma influência maior dos fatores externos. Assim, percebemos que essa escolha não é apenas uma propriedade do sujeito, mas também uma construção social que se desenvolve como uma forma de dominação social e política. Precisamos, então, enfatizar mais uma vez que a forma como as identidades são distribuídas na sociedade seguem um padrão que, posteriormente, define quais são os grupos privilegiados e quais os que devem ser marginalizados e isso é determinado pelas práticas discursivas.

Respeitando todos esses fatores, precisamos escolher métodos didáticos que incorporem a diversidade no processo de ensino-aprendizagem, de forma que professor e aluno saibam da função que cada um estabelece dentro do espaço, levando em consideração que todos têm potenciais e fragilidades. Pensando nessa pluralidade social, introduzimos essa questão também nos letramentos. A esse respeito, Rojo trabalha com o conceito de multiletramentos, que

[...] aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, 2012, p. 12).

A partir desse reconhecimento da pluralidade social, a autora supracitada apresenta as características fundamentais dos multiletramentos, afirmando que

(a) eles são interativos; mais que isso, colaborativos; (b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]); (c) eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas) (ROJO, 2012, p. 23).

Essa forma de pensar os letramentos colabora para o surgimento de novos gêneros discursivos, muito deles no plano da internet, justamente porque essas formas tecnológicas geram novas necessidades e novos modos de contato com os enunciados, mudando também as formas de significação. As formas tradicionais de texto não são mais suficientes para atender a nova demanda, por isso se faz necessário o emprego ou, no mínimo, a valorização de novas produções multissemióticas para se atingir o público na sua pluralidade.

Em síntese, trabalhar com o multiletramento é buscar atingir os alunos e alunas levando em consideração as suas identidades sociais e as necessidades da sociedade em que eles estão inseridos. É desconstruir o que está enraizado na sociedade, visando a desierarquização de aspectos culturais, sociais e biológicos. As imagens de Vitorelo surgem como ferramenta que contrapõe todo discurso ideológico de ordem opressora que atinge as mulheres, surgindo nas redes sociais como uma força na luta contra as diversas instituições que objetivam conservar e reproduzir práticas abusivas para a sociedade. A linguagem proporciona a subjetividade ao permitir a comunicação e também constrói realidades subjetivas. A partir desses pressupostos, devemos inferir que a prática de produção de sentidos segue modelos instituídos socialmente, modelos esses que são determinados pela produção na língua.

A linguagem é um fato social e os significados variam de um discurso para o outro, dependendo do interlocutor. Nesse aspecto, trabalhos com as imagens produzidas pela artista Raquel Vitorelo se apresentam como uma forma de resistência e afirmação feminina e podem ser utilizadas para promover questionamentos e desconstruções de práticas abusivas e enraizadas na sociedade. Ao ter contato com essas imagens, ouvimos gritos pela liberdade e igualdade das mulheres. É preciso enfrentar os poderes instituídos e hegemônicos na busca pela participação política e social das pessoas, independentemente das suas características identitárias.

A prática do ensino, seja de língua materna, estrangeira, literatura, ou de qualquer disciplina ofertada pelo sistema educacional, deve proporcionar ao aluno a proficiência na leitura de múltiplas linguagens, fator essencial para a formação de um aluno crítico, que está inserido em uma sociedade em constante mudanças, principalmente no que se refere às informações divulgadas nas diferentes mídias. Sendo assim, por meio dos multiletramentos e multimodalidades, o aluno será capaz de identificar as ideologias presentes em diferentes textos e seus diversos discursos. De acordo com os PCNs de 1997.

A importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento. Atualmente exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes e muito superiores aos que satisfizeram as demandas sociais até bem pouco tempo atrás — e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. (BRASIL, 1997, p.20)

Isso se faz necessário diante das múltiplas formas que os textos são apresentados aos alunos, dentro ou fora do ambiente escolar, o que faz com que a abordagem desses textos seja efetuada de diferentes modos, para, assim, desenvolver as habilidades necessárias para compreender tais textos. Dada à expansão da noção de texto, que não se restringe apenas ao verbal, cabe ao ambiente escolar ser um mediador, para que esses sentidos possam falar e provocar impactos sobre eles. Dessa forma, o aluno será capaz de trazer para a sua realidade, por meio das inferências e identificações com o texto, os diferentes dizeres desses diferentes suportes textuais. Dessa forma, ainda de acordo com os PCNs de 1997, o sistema educacional deve proporcionar uma prática educativa que atenda às necessidades sociais, os interesses e motivações dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem, garantindo a formação de “cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem” (BRASIL, 1997, p. 24).

4. Considerações finais

A internet disponibiliza muito material para se discutir as questões concernentes ao papel feminino na sociedade e, por conseguinte, desconstruir o

discurso hegemônico que desautoriza a mulher de ascender ao espaço público. Nossa intenção foi apresentar e discutir a produção da artista Raquel Vitorelo, que expõe suas obras em sua rede social pessoal e busca desconstruir os papéis sociais inscritos na sociedade, por meio de textos que misturam linguagem verbal e visual, exercício que promove maior aproximação com os receptores, a fim de que as mensagens os atinjam com maior facilidade.

Refletindo com mais afinco a natureza do discurso, podemos concluir que ele sempre tem uma gênese social. Nesse contexto, entendemos que os sujeitos envolvidos no processo educacional têm função crucial no processo de significação, construindo suas identidades a partir da relação interpessoal e com diferentes realidades. Nesse sentido, pensamos a escola como um meio de promover esse contato e proporcionar a discussão de temas relevantes utilizando-se de diferentes produções textuais. Investir o discurso por esse viés é justamente refletir como os indivíduos envolvidos utilizam a linguagem na convivência social. Sendo assim, entendemos que a interação é a base para a produção de significados, as vozes dos indivíduos em contexto de sala de aula são essenciais para entender como o discurso é moldado e como ele molda a vida das pessoas.

É sabido que não existe liberdade plena para expressar aquilo que desejamos, somos interpelados constantemente por fatores que censuram a nossa fala e estabelecem uma política do dizer que se instaura na sociedade para estabelecer regras e, novamente, impor limites necessários para a manutenção e perpetuação do poder hegemônico que não respeita de todo as identidades sociais que coexistem em um mesmo espaço. Dentro desse panorama entendemos a necessidade de se levantar questões relativas à identidade para (re)pensar as estruturas de poder. Isso pode ser concretizado com as produções de Raquel Vitorelo, pois suas obras são construídas a partir de diversos modos semióticos, buscando o engajamento dos alunos e alunas na leitura e na reflexão das questões de gênero.

É necessário repensar as estruturas sociais e deixar de representar os seres humanos como se estivessem em um vácuo social, promovendo a empatia a uma possível transformação na realidade dos sujeitos inseridos nesse processo. Para isso, precisamos também repensar as práticas pedagógicas, a fim de suprir as necessidades e chamar a atenção dos sujeitos inseridos no processo de aprendizagem.

Referências

ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. Do texto às imagens: as novas fronteiras do letramento visual. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. (Orgs.). *Linguística Aplicada – um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 173-202.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1974.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: Economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Diccionario de los símbolos*. Tradução de Manuel Silvar e Arturo Rodríguez. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. (Ed.). *Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures*. London: Routledge, 2000. p. 3-8.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 25, nº 50, p. 315-328, dez. 2005.

GIROUX, Henry. *Border Crossings: cultural workers and the politics of education*. 2. ed. New York & London: Routledge, 2005.

GIROUX, Henry. *The Giroux Reader*. Colorado: Paradigm Publishers, 2006.

KRESS, Gunther. Visual and verbal modes of representation in electronically mediated communication. In: SNYDER, Illana. (Ed). *Page to screen: talking literacy into electronic era*. New York: Routledge, 1998. p. 53-79.

KRESS, Gunther. *English in urban classes*. New York: Routledge, 2005.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. London, New York: Routledge, [1996], 2006.

KRESS, Gunther. *Literacy in the new media age*. New York: Routledge, 2007.

MOURA, E. J. L. de. *As relações entre lazer, futebol e gênero*. 2003. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005.

REIS, Fabio Pinto Gonçalves dos; ARRUDA, Ivan Eduardo de Abreu. Uma história do futebol feminino brasileiro: superando preconceitos. *EFDeportes*, Buenos Aires, v. 16, n. 163, dez.

2011. Disponível em: < <https://www.efdeportes.com/efd163/uma-historia-do-futebol-feminino-brasileiro.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.

SILVEIRA, Juliana da. *Navegando pelo discurso político-eletrônico: mutações dos/nos enunciados políticos na internet*. 2009. 151 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

VITORELO, Raquel. *Facebook*, 15 ago. 2014, 15:41. Disponível em: < <https://www.facebook.com/rvitorelo/photos/a.578932722216225/582450891864408/?type=3&theater>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

VITORELO, Raquel. *Facebook*, 15 jun. 2015, 16:15. Disponível em: < <https://www.facebook.com/rvitorelo/photos/a.578932722216225/728529183923244/?type=3&theater>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

Para citar este artigo

MUNHOZ, Ruan Felipe; CAIRES, Debora Sayuri Niki; FELDMAN, Alba Krishna Topan. “Coisa de mulher”: reflexões sobre formas multimodais na construção da identidade da mulher brasileira. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 7, n. 3, p. 623-642, set.-dez. 2018.

Os autores

Ruan Felipe Munhoz possui graduação em Letras (Português/Espanhol) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e pela Universidade de Coimbra (UC). É mestrando em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Debora Sayuri Niki Caires possui graduação em Secretariado Trilíngue pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e é mestranda em Estudos Linguísticos pela mesma instituição.

Alba Krishna Topan Feldman possui graduação em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão (FECILCAM/UNESPAR); mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/São José do Rio Preto). Atua como professora de língua e literaturas de língua inglesa na Universidade Estadual de Maringá e coordena o projeto de pesquisa institucional Multiculturalismo sob Perspectivas PósColoniais.